

Oásis azul do Méier

É muito comum, no meio literário, a idéia de que o conto é um gênero menor. Exige menos esforço, é menos profundo, serve como uma espécie de exercício preparatório, permitindo que o escritor aperfeiçoe seu estilo e ganhe o fôlego indispensável para os vãos mais altos do romance.

Curiosamente, grandes autores que cultivaram ou cultivam a história curta pensam precisamente o contrário; e basta lembrar Machado, Conrad, Tchekhov, Maupassant ou Borges para perceber a que altura o conto pode chegar, quando merece respeito.

Altamir Tojal é desses que têm alto apreço pelo conto. Fez o que muita gente considera o caminho errado: publicou primeiro um romance (*Faz que não vê*) e agora nos dá esse *Oásis azul do Méier*, coletânea de oito narrativas, fruto de um meticuloso trabalho de depuração.

A arte do romance talvez seja similar à da pintura: ambas acrescentam coisas a um fundo branco. O contista se parece mais ao escultor, porque escrever um conto é retirar palavras.

Esse é um dos maiores méritos de Altamir: sua língua é precisa, exata. Embora haja emoção, não existe subjetividade. Altamir é um prosador formado na escola de João Cabral.

E conhece bem o fundamento do gênero: o conflito se define logo nas primeiras linhas – geralmente uma situação absurda ou inusitada que contrasta com o caráter trivial das personagens – e nos prende a atenção até a surpresa do desfecho.

Ouso dizer que este *Oásis* é um dos melhores livros de contos que surgiram na literatura brasileira, nos últimos tempos. O conto-título, inclusive, é uma obra-prima que certamente marcará presença em antologias futuras.

Fico, assim, muito honrado por assinar essa modesta apresentação; e particularmente feliz por perceber que a nobre arte do conto ganha mais um cultor, que se apresenta já em plena maturidade.

Alberto Mussa